

PRÁTICA DE LEITURA, PRODUÇÃO TEXTUAL E REESCRITA NA AMAZÔNIA ORIENTAL

José Enildo Elias Bezerra (IFAP)

enildoelias@yahoo.com.br

Viviane Pereira Fialho (IFAP)

RESUMO

A escolha do tema se volta para as produções textuais realizadas pelos alunos do ensino médio em turmas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP) – *campus* Laranjal do Jari (AP). A pesquisa-ação se dá por meio de oficinas de leitura e produção textual. O artigo traz reflexões de Soares (2009), Yunes (2009), Dolz (2010) e Kleiman (2010), que tratam da prática de leitura e produção textual. A reflexão se dará nas realizações das oficinas nos anos de 2011, 2012 e 2013 no IFAP. O objetivo previsto para a pesquisa em andamento é verificar quais foram as representações de escrita dos discentes e, nessa esteira, procura-se adaptar às ações didáticas que colaborarão para uma nova visão de leitura, escrita e reescrita de textos produzidos pelos alunos. A proposta de reescrita é feita durante a aula de língua portuguesa, dividindo os alunos em pares ou em pequenos grupos, onde eles trocam as redações entre si e as comentam antes de revisá-las e reescrevê-las, tais comentários podem ser orais ou escritos, livres ou baseados em algum conjunto de instruções que os auxiliam a se concentrarem em aspectos particulares do texto ou nas convenções do gênero textual. As atividades de feedback colaborativo favorecem o esclarecimento de concepções errôneas ou preconcebidas sobre o processo da escrita. Desta forma, os alunos se conscientizam dos hábitos que são ineficientes ou inapropriados, percebem que pessoas diferentes abordam a escrita de forma diversa e tomam ciência de como as suas escolhas linguísticas podem afetar a identidade que eles projetam através da escrita. Ao final dos quatro anos letivos, espera-se que os alunos do curso de informática, meio ambiente e secretariado possam desenvolver textos de forma clara e objetiva, auxiliando desta forma, no bom desempenho na escrita e na leitura, em todas as disciplinas.

Palavras-chave: Prática de leitura. Produção textual. Reescrita.

1. Introdução

O texto é um evento sócio comunicativo que ganha notoriedade em um processo interacional, ou seja, toda produção textual é resultado de uma coprodução entre interlocutores e o que em realidade se distingue entre texto falado e a escrita, é a forma de produção em que estão inseridos.

A escola volta-se a produção escrita como sua principal preocupação para realização de uma compreensão da língua materna, há situações que se acredita na idealização do ensino voltado para gramática normativa, observando-se apenas para ensino de nomenclatura e é nesse contexto que os diálogos orais não são levados em consideração, por ser analisados apenas como língua coloquial, desmerecendo assim, a verdadeira importância dos textos orais.

É fato que ao ler textos escritos com desvios gráficos não se leva em consideração que essa problemática relacionada à grafia é proveniente de traços de uma tentativa de imitação da linguagem oral.

A escola tem como finalidade discutir e criar condições para que os alunos do ensino básico possam elaborar textos cada vez mais coesos e coerentes, entretanto, é bom salientar que não se deve ocultar que tais indivíduos já conhecem a língua materna e, que de acordo com a convivência pré-estabelecida em sua comunidade, eles terão traços diferenciados, tanto na fala, como na escrita, por isso, é interessante que o professor de língua portuguesa esteja atento as tais condições de variação da língua.

Os traços diferenciados tanto na linguagem oral como na escrita, vem de uma um letramento não escolar, esse adquirido por meio da comunicação entre os sujeitos em suas comunidades.

O contato com a escrita pode ou não ser ensinados no ambiente escolar, há casos que os primeiros grafemas são conhecidos por meio de parentes, amigos entre outros, que sem conhecimentos específicos de língua portuguesa e da didática de um professor de língua materna, ensinam conceitos básicos da linguagem escrita, estabelecem assim, uma aprendizagem por força de suas próprias necessidades linguísticas, como frases e textos desfragmentados.

A escola em si volta-se a um ensino sistematizado da língua materna e procurar concretizar o que a própria sociedade exige para que os estudantes e futuros cidadãos escrevam de forma absolutamente coerente

e coesa, principalmente ao término do ensino médio, onde enfrentarão avaliações como o ENEM, concursos públicos, entre outros.

Na pesquisa aqui apresentada, estaremos discutindo uma prática de ensino até conhecida. Contudo, as condições que nos são proporcionadas levam a refletir sobre um dos obstáculos vividos em sala pelo professor de língua portuguesa, neste caso a prática de escrita e reescrita dos alunos do ensino médio em uma instituição pública federal.

É necessário acreditar que mudanças na produção textual dos alunos ocorrem, contudo, não de um dia para o outro, principalmente se imaginamos que para alcançar êxitos em turmas do ensino médio é essencial saber que a leitura e escrita deveriam ser práticas realizadas com grande insistência pelas escolas desde ensino fundamental.

Baseando-se em soluções que levaram a minimizar as dificuldades leitoras e de escritas de alunos do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá – IFAP – *campus* Laranjal do Jari, refletiremos em propostas desenvolvidas com estratégias de leitura dos clássicos da literatura, e são de uso corrente nos programas do ensino médio e que foram utilizados como texto base para elaboração de produções textuais.

Os clássicos da literatura no ensino médio são de certa forma um estabelecimento didático que pressionam aos estudantes a lerem obras de autores tanto brasileiros como estrangeiros.

O que aqui se tratará de ações didáticas diferenciadas no ensino da língua portuguesa utilizando obras literárias, que em muitos casos ler-se por obrigação, mas que não apontam como algo sustentável para se criar condições de interpretações de textos que levem aos futuros profissionais a buscarem novas formas de conceito entre o que é ler e não entender e o que é ler e absorver as condições em não só foram produzidos os textos, e sim, o que leva a um texto ser interativo e atual, mesmo estando esta produção textual fora do contexto do leitor.

O processo de leitura, produção textual e reescrita, tem como finalidade demonstrar aos alunos do ensino médio-técnico que produzir um texto não é apenas copiar fragmentos de livros, revistas. É em realidade um processo de construção entre as leituras prévias, conhecimentos básicos da escrita e releitura do texto pelo próprio autor, ocasionando assim, suas modificações ao reescrevê-las.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A didática elaborada por muitos professores de língua portuguesa no ensino fundamental, leva aos alunos a produzir apenas uma só vez, finalizando os textos e entregando ao professor sem nenhuma revisão por parte do aluno.

Os alunos do ensino médio, estarem acostumados com tal prática durante o ensino fundamental, quando iniciaram as oficinas oferecidas pelo grupo de pesquisa de portuguesa nos primeiros anos do ensino médio, eles passaram por certas dificuldades nas produções textuais, pois mesmo produzindo pequenos textos após realizar leituras de diversos gêneros textuais, mas com o mesmo tema, não conseguiam realizar atividades que consistiam em pequenas produções.

O início dos trabalhos das oficinas de leitura, produção textual e reescrita, implantado no ano de 2012 no IFAP – *campus* Laranjal do Jari pelo grupo de pesquisa “Leitura, Produção Textual e Reescrita no Ensino Médio”, eram realizados duas vezes por semana no próprio Instituto Federal.

E é nessa perspectiva de desenvolvimento das atividades nas oficinas de leitura e produção textual que discutiremos as relações da produção textual nos cursos técnicos de meio ambiente, informática e secretariado, uma projeção entre as condições em que se produziam textos utilizando os clássicos da literatura brasileira e como tais textos eram reproduzidos.

As atividades de *feedback* colaborativo favoreciam o esclarecimento de concepções errôneas ou preconcebidas sobre o processo da escrita. Desta forma, os alunos se conscientizam dos hábitos que são ineficientes ou inapropriados, percebiam neste processo que pessoas diferentes abordam a escrita de forma diversa e tomam ciência de como as suas escolhas linguísticas podem afetar a identidade que eles projetam através da escrita.

Ao final dos três anos letivos, esperava-se que os alunos dos três cursos ofertados pelo IFAP – *campus* Laranjal do Jari, pudessem desenvolver textos de forma clara e objetiva, auxiliando desta forma, no bom desempenho tanto na escrita como na leitura em todas as disciplinas.

2. *A criação do projeto de pesquisa e suas contribuições*

As dificuldades encontradas na compreensão de textos pelos professores de língua portuguesa e docentes de outras disciplinas do ensino médio-técnicos, ao desenvolverem atividades de produção textual e leitura, nos três cursos, devido à grande dificuldade de compreensão na leitura das atividades, levaram ao professor de língua portuguesa a desenvolver atividades de leitura e produção textual, no máximo vinte linhas, sempre no contra turno.

Tais atividades com a linguagem escrita procurava levar em consideração o desconhecimento dos alunos que produziam textos sem coesão e coerência, quando isso acontecia, obviamente não conseguiam aprovações nas avaliações que exigissem produções escritas.

As primeiras atividades foram desenvolvidas levou-se em conta as dificuldades de leitura e produção textual dos alunos, eles reescreviam cada texto não dando importância as estruturas gramaticais, e sim, a coerência e a coesão, isto porque em geral nas aulas ministradas no horário normal do instituto sempre eram abordadas as dificuldades encontradas nas produções textuais.

Os problemas mais comuns eram exatamente com a falta de sentido nas orações, frases e conseqüentemente nos textos produzidos pela maioria dos alunos dos três cursos técnicos.

Em reuniões realizadas com os professores da disciplina de língua portuguesa, foi elaborada uma proposta da criação de um projeto de pesquisa, que tivesse como finalidade atingir a maior quantidade de alunos com dificuldades de leitura e produção textual, deu-se então o nome de “Projeto de Pesquisa Leitura, Produção Textual e Reescrita no Ensino Médio”.

Iniciaram-se as atividades do grupo nos primeiros meses do ano de 2011, com apenas dois professores-pesquisadores, cinco alunos, sendo dois do curso de meio ambiente, dois de informática e um de secretariado.

A princípio tínhamos como referência à obra *Produção e Revisão Textual: Um Guia Para Professores de Português e de Línguas Estrangeiras*, de autoria da professora Doris de Almeida Soares, 2009.

Na obra de Doris (2009) encontramos atividades que criavam condições para que se refletisse sobre as dificuldades de nossos próprios

alunos, na pesquisa da autora existem informações de como devem ser elaboradas as atividades de produção textual, leitura e reescrita de gêneros do discurso relevantes para modalidade do ensino médio.

As sugestões dos pesquisadores envolvidos nesse trabalho levaram a crer que seria necessário a criação de um projeto de pesquisa que tivesse como foco a implantação de oficinas de leitura, produção textual, enfatizando a reescrita.

O processo de reescrita ajuda ao aluno a refletir sobre própria produção textual, baseando-se pela reconstrução de textos onde eles mesmos possam realizar suas leituras e consigam identificar os desvios não só gramaticais, mas linguísticos.

Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1996) apontam que a língua portuguesa deve ter seu valor nos usos da linguagem escrita, esse fato é determinado historicamente segundo as demandas sociais de cada momento. E atualmente, exigem-se níveis de leitura e de escrita diferentes dos que satisfizeram as demandas sociais.

A exigência da escrita deve-se a valores sociais impostos de acordo com o período em que a própria sociedade tem como referência, os gêneros mais comuns para cada época, como agora vemos a importância de outros meios de escrita como: *e-mails, chats, facebook* entre outros.

As atividades do projeto de pesquisa, as quais eram denominadas de oficinas de leitura e produção textual, foram iniciadas com 160 alunos, chegando a finalizar as atividades no ano de 2013, apenas 23 alunos.

No início dos trabalhos os alunos estão acostumados a produzirem textos longos, sem sentido, e que acreditam ser o ideal, isso se reflete em muitos casos onde os professores de língua portuguesa, de outras escolas não conseguem ler todos os textos, seja pela quantidade de alunos, seja pela conciliação entre tantos trabalhos externo que os leva a não ter tempo suficiente para ler.

Em um trabalho de oficina de leitura e produção textual é importante que os estudantes estejam atentos para compreender que a escrita leva tempo para ser construída, deve-se alertar que as duas modalidades de ensino são necessárias, não só para vida profissional, mas para vida social.

Nesse processo de ensino por meio de oficinas de leitura e produção textual, é necessário salientar que o professor de língua portuguesa é

apenas um facilitador no processo da produção textual e na pós-produção, os colaboradores darão apenas suporte ao profissional, pois desta forma a organização em equipe é fundamental para acompanhar os discentes nessa nova fase de adaptação dentro do ensino-médio técnico no ambiente escolar.

No início das atividades por meio das oficinas acreditava-se na diminuição de textos sem coesão e coerência em que os alunos produziam nas diversas disciplinas dos cursos técnicos do IFAP – *campus* Laranjal do Jari.

Yunes (2009, p. 186) traz algumas reflexões sobre a leitura no Brasil, afirma que

Na sociedade brasileira, uma das metades não lê porque não sabe, a outra porque não quer, por que então insistir na escola? Pelo diploma, pelo cumprimento formal de um rito iniciativo ao universo da produção? Repito, vamos a escola aprender a ler e saímos de lá detestando tudo que se relacione com ela: estudo, pesquisa, redação etc.

O que Yunes (2009) ressalta é uma realidade nas escolas brasileiras e sem dúvida no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá (IFAP) não é diferente. Encontramos alunos que tinham referência no ensino de língua apenas no estudo voltado para nomenclatura gramatical e que raramente produziam textos e, quando isto acontecia não havia objetivos específicos para tais produções textuais.

Alguns relatos de alunos eram que os textos por eles produzidos no ensino fundamental tinham apenas o objetivo de concluir uma etapa proposta pelos professores e receber ao final das atividades uma nota.

A leitura também foi um dos obstáculos enfrentado durante os primeiros dois anos junto aos professores e alunos, o foco era criar o hábito da leitura e consequentemente produzir algo que tivesse sentido, não só para quem escreve, e sim, para o leitor, os textos escritos pelos alunos buscavam contextualizar com o ensino da literatura clássica brasileira.

Yunes (2009) destaca que o aluno sai da escola detestando tudo que se relaciona com a leitura porque a relação leitura e escrita nem sempre é abordada como algo prazeroso, e sim, como atividade obrigatória que só tem uma finalidade, aprovação a cada bimestre e consequentemente ao final do ano letivo.

É importante destacar que os alunos que frequentavam as oficinas vinham muitas vezes com precários níveis de alfabetização, mesmo sen-

do aprovados por critérios de um vestibular, que em realidade apenas continha questões objetivas e que não avaliavam as questões relacionadas à escrita.

Para Soares (2013), os níveis de alfabetização sejam de crianças, jovens e adultos estão cada vez mais precários e conseqüentemente eles se relacionam ao fracasso escolar, a própria autora aponta que tais dificuldades encontradas nas séries iniciais se alongam durante o ensino médio, causando deficiências no processo de produção textual por parte da vida.

Nos primeiros bimestres ao se deparar com os resultados negativos das avaliações em outras disciplinas, que exigiam do estudante um nível elementar de escrita, produções curtas e objetivas, encontrava-se uma deficiência de compreensão não só para o leitor, mas para o próprio escritor (aluno), que em muitos casos não compreendia o que havia escrito.

Notou-se que o nível de leitura dos adolescentes não correspondia à série em que estavam, existia em realidade má escolarização dos alunos, que conseqüentemente, resultava em um fracasso no processo de leitura e produção textual.

Desta forma, para minimizar tal problemática relacionada ao nível de leitura foram introduzidos textos de gêneros variados, cartas ao leitor, artigos de opinião, resenhas e leituras baseadas nos clássicos da literatura brasileira, os quais o programa de língua portuguesa do IFAP já estabeleceu como leitura obrigatória dentro de ensino médio.

As oficinas de leitura, produção textual e reescrita foram iniciadas em março de 2011 e finalizadas em outubro de 2013, tinha como objetivo a leitura de obras da literatura brasileira e de outros textos.

O projeto de pesquisa sempre teve como objetivo criar condições melhores de produção textual, mas é sabido que não se pode escrever com objetividade se não houver um nível de leitura elementar, observando com relação a escrita dos alunos do IFAP – *campus* Laranjal do Jari, era necessário que uma maior parte dos discentes tivessem um processo de alfabetização compatível com o nível de leitura que o ensino médio exige.

As leituras realizadas pelos alunos durante as oficinas e conseqüentemente a produção textual durante nos dois encontros semanais estavam limitados a incompreensão dos textos lidos, ausência de escrita pe-

la maioria dos alunos, os quais muitas vezes não queriam expor suas ideias em um papel.

Dos 160, apenas 28 escreviam algumas linhas, sempre com erros ortográficos e com palavras sem nenhum sentido.

As consequências desses fatos se davam por detectar que as dificuldades encontradas pelos alunos nas questões relacionadas à leitura era a má formação na alfabetização e na escolarização durante o ensino fundamental

Para Soares (2013, p, 93),

O processo de alfabetização é visto não só como um componente essencial da escolarização inicial como, mais que isso, esta é mesmo comumente confundida com aquele: a concepção corrente é que a criança vai para a escola “para aprender a ler e a escrever”.

A autora destaca que na concepção da sociedade e comum pensar que a criança vai para escolar apenas para aprender a ler e a escrever, entretanto, ao que foi detectado durante as oficinas de leitura e produção textual no IFAP era que muitos alunos não haviam adquirido tais conhecimentos básicos de compreensão textual, e que, necessariamente teríamos um desafio no projeto, desenvolver competências para que eles pudessem atingir um nível elementar de leitura e produção de textos.

Para Kleiman (2003, p. 20), a escola é a principal via para aprendizado e acesso às maneiras de ler e de disseminação dos objetos que merecem ser consumidos pelos leitores.

E foi nesta perspectiva que o grupo de pesquisa iniciou e finalizou na primeira etapa de implantação das oficinas, entre os anos de 2011-2013, buscando criar nos discentes não só o hábito de leitura, mas estabelecer vínculos sociais com uma leitura que mesmo não sendo do cotidiano, como é o caso da literatura clássica brasileira poderia ajudá-los a iniciar uma compreensão mais profunda dos fatos narrados nas obras lidas durante os períodos em que foram realizadas as atividades.

3. *Palavras finais*

Em vista dos argumentos apresentados e dos resultados obtidos entre os anos 2011 a 2013 nas oficinas de produção textual e leitura, com pequenos resultados apresentados, primeiro pelo grande número de evasão escolar, entre os anos aqui apontados, segundo pelas dificuldades de

implantação das oficinas no contra turno, onde em muitas ocasiões foram realizadas nos horários das aulas de língua portuguesa, que neste caso, ao ser detectado pelo professor de língua materna, os alunos com dificuldades de leitura e escrita, é importante realizar um trabalho separadamente com tais indivíduos, elaborando assim, um trabalho não só de leitura dos clássicos, mas com outros gêneros textuais. Para os alunos que ainda continuaram nas atividades, os resultados foram satisfatórios, já que, em muitos casos obtiveram nota 8,0 (oito) na prova de redação do ENEM – 2013. Sabemos que pelas condições que se encontravam, não teria êxito em muitas situações que estivessem relacionadas à escrita, principalmente em provas de concursos e do ENEM, onde se requer não só habilidade escrita, mas conhecimentos específicos de linguagem e literatura. Faz-se necessário então que a escola, a mais importante das agências de letramento, passe a preocupar-se não só com o letramento como prática social, mas com o processo de aquisição de códigos alfabéticos, concebido em geral a competências individuais, necessárias para o sucesso e promoção na escola e na sociedade. Já a outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes. Os clássicos da literatura brasileira nos ajudaram a nortear o primeiro processo, a leitura, e com estabelecer critérios para uma leitura inicial que em muitos casos, faz com haja reflexões sobre as condições em que as obras foram produzidas e como elas ainda são evidenciadas em nossas vidas.

RERERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RIBEIRO, Vera Masagão. Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2011. In: SOARES, Magda (Org.). *Letramento e escolarização*. São Paulo: Global, 2013.

RIBEIRO, Vera Masagão. Letramento no Brasil: reflexões a partir do INAF 2011. In: KLEIMAN. B. Ângela (Org.). *Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola*. São Paulo: Global, 2003.

SOARES, Doris de Almeida. *Produção textual e revisão*. Petrópolis: Vozes, 2009

YUNES. Eliana. *Tecendo um leitor: uma rede de fios cruzados*. Curitiba: Aymará, 2009.